

5
RB168,980



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO

by
Professor
Ralph G. Stanton

24773

(1) Manuel de Almeida Morais.
Parece possível que este autor
é supposto. Com melhor
fundamento se attribuem as
Saudades ad. Maria de
Lara e Moniz, casada
com o infante D. Duarte,
irmão de El Rei D. João
IV. Veja no diccionario
bibliographico portuguez
de Innocencio Francisco da
Silva, os artigos respectivos
a estes dois nomes.

F. Gomes de Amorim.

• a 1ª edição paroumenta vendeu-se
a 2ª edição de 1764 p. 1540. r.
estas 2ª é esta ?!

SAUDADES

DE

D. I G N E Z

DE

CASTRO,

POEMA EM DOUS CANTOS.

POR M. DE A.⁽¹⁾

SEGUNDA EDIÇÃO.



L I S B O A ,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1 8 2 4.

~~~~~  
*Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.*

SAUNDERS

12

D. I. G. M. N. X.

12

CLARK

TO BE HAD OF THE

Author or of the

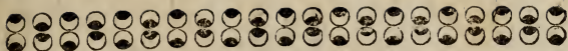
Bookseller

—

1811

Printed by J. G. M. N. X.

at the ... of ...



S A U D A D E S  
D E  
D. IGNEZ DE CASTRO.

---

C A N T O I.

---

1.

Era na meia idade ; a que chegava  
Em fragoas de Sapphir o Sol , que ardia ,  
E nas azas do tempo , que passava ,  
Icaro de seus raios era o dia :  
Quando pois com as chammas se abrazava ,  
Que morrer incendiado então queria ,  
Sendo por renascer com novo alarde ,  
Em cinzas de rubim Phénis da tarde.

2.

Na lisongeira planta se enlaçava  
Cortez o vento com gentil porfia ,  
E nos jardins a rosa , que encalmava ,  
Em berços de esmeralda adormecia :  
A simples avesinha se banhava  
No murmureo correr da fonte fria ,  
Renovando na vista o doce alento ,  
Narciso nos crystaes , Orpheo no vento.

## 3.

Mas Ignez só, que por penar vivia,  
 Naufragava em soluços cada instante,  
 Ignez, aquella Ignez, que amor fazia  
 Por lhe dobrar as magoas mais constante:  
 Aquella em cujas graças competia  
 Ser formosa, discreta, e ser amante,  
 Em cujas prendas não tiveraõ parte  
 Artificios da industria, invenções da arte:

## 4.

A que nos dotes da alma tão possante,  
 Discreta, grave, terna, e generosa,  
 Que da mesma belleza sendo Atlante,  
 Tinha por menor prenda o ser formosa:  
 Nos donaires do talhe tão galante,  
 Nos alinhos da graça tão vistosa,  
 Que topando na culpa de Narciso,  
 Fôra sem culpa seu discreto aviso.

## 5.

Mas qual o passarinho descuidado,  
 Lisonja mais gentil da tenra idade,  
 Foi das mãos do menino aprisionado,  
 Que lhe roubou no laço a liberdade:  
 Que quando d'elle mais galanteado,  
 Exprimenta no mimo a crueldade:  
 E quando a côr das pennas lhe contenta,  
 Nas que lhe tira mais lhas accrescenta.

Tal Ignez na manhã dos tenros annos,  
Nas primeiras auroras da esperança,  
Deo nos laços de amor, doces enganos,  
Do vendado rapaz linda vingança:  
Mas os golpes da Parca deshumanos  
A belleza por flôr em flôr alcança,  
Experimentou na sempre amarga sorte  
Por mãos do Deos do amor armas da morte.

Eraõ gentil emprego a seus cuidados  
As finezas de Pedro, que a beldade  
Nelle soube trazer aprisionados  
Sceptro, Corôa, vida, e liberdade;  
Entre ambos tinha amor já taõ ligados  
Os soltos alvedrios da vontade,  
Que foi nelles baldado, e foi perdido  
Nascer Antéros por crescer Cupido.

Mas oh! tyranna, dôr amor inventa!  
Forçosa foi de Pedro a dura ausencia,  
Atropos da alma, que da pena isenta,  
Nella sabe sentir mortal violencia:  
Como preso, partir-se Pedro intenta,  
E sente na alma Ignez nova inclemência;  
Que quer a sôrte, pois amor ordena,  
Onde não chega a morte, offenda a pena.

Quantas vezes , Ignez , no pensamento  
Este desar notaste a teus favores ?

Quantas vezes , Ignez , na mão do vento

Os vistes , e vês agora , e verás flores :

Tanto nas affeições , gosto avarento ,

Este pezar sentiste em teus amores ,

Que não posso dizer , que neste emprego

Estavas , linda Ignez , posta em socego.

## 10.

Entre os braços de Pedro , ardente fragoa ,

Se encosta Ignez sem vida , e sem sentido ,

Que multiplica a dôr , e dobra a magoa

Lograr presente o bem , que he já perdido ;

Dos olhos sólta dous chuveiros de agua ,

Oceanos de neve , onde Cupido

Quiz da belleza já colhendo as velas ,

Chegasse a tempestade até as Estrellas.

## 11.

Qual em berços de purpura vistosa ,

Delicias da manhã , da tarde empreza ,

Dos melindres de flôr enferma a rosa ,

Desmaiado o verdor , murcha a lindeza :

Pois a que foi de Abril pompa lustrosa ,

Livro do amor , emblema da belleza ,

Perde a graça por vêr que o Sol lhe talha

Do mesmo carmesim gala , e mortalha.

Tal do fogo de amor na immensa calma  
A côr Ignez perdeo, que amor ordena,  
Os desmaios, que tinha impressos na alma,  
Trasladasse no rosto a viva pena:  
Já despojo da dôr, da magoa palma,  
Com respirar de flôr, arde assucena,  
Exhala nova dôr ao pensamento,  
Em saudosos ais o doce alento.

Ai! caduco prazer, diz lastimada,  
Esperança de hum bem doce tormento,  
Ai! que por verde murchas apressada,  
Primavera do amor, da dôr portento:  
Ai! melindrosa flôr agonisada,  
Despojado jasmim de qualquer vento:  
Que quando nasce traz na mesma alvura  
Gala, mortalha, berço, e sepultura.

Ai! que chegas, oh dia! em que amor tira  
Duas almas de hum peito! oh noite fria!  
Oh noite, digo, porque a quem suspira,  
Foge a luz, morre o Sol, acaba o dia:  
A boca, de que hum ai, outro ai retira,  
Já cansando, mais baixo repetia,  
Parai, Senhor; mas hum soluço ardente  
Suffoca o par, repete o ai sómente.

Parai, torna a dizer, meu gosto amado,  
Gloria desta alma, em quanto gloria tinha;  
Mas ai allivio meu, ai meu cuidado!  
Como podeis parar se he gloria minha!  
Mas se destina o Ceo, e manda o fado,  
Esta alma castigar, que amor mantinha,  
Deixai-me a vossa, porque a sorte ordene,  
Mais almas tenha, porque assim mais pene.

Mas não, que he contra amor esta porfia,  
Mas não, que deixo amor nisto aggravado,  
Muitas almas não quero, que seria  
Repartir o tormento a meu cuidado:  
Mas se a pena permite a companhia  
Nesta ausencia cruel, oh triste fado!  
Antes que a dôr ma roube da partida,  
Levai-me, vida minha, a minha vida.

Só comvosco, Senhor, irá segura,  
Sem que mortal achaque lhe aconteça;  
Porque talvez do fado a sorte dura  
Fóra deste meu peito a desconheça:  
Nem poderá temer minha ventura,  
Que sombra de pesar vos entristeça:  
Pois farei no tormento mais esquivo  
Correr por conta d'alma o sensitivo.

Se só para viver na lei de amante,  
Forçosa seja a vida repetida;  
Ai! Senhor, que não póde ser bastante  
Para viver ausente huma só vida:  
Porém se amor de vidas tão possante,  
Huma nos deo para ambos repartida,  
Posto que a dôr entre ambos se accommoda,  
Melhor vós partireis levando-a toda.

Cá me fica outra vida, que não passa,  
Com que padeça morte repetida;  
Que quer amor tyranno, que renasça  
Huma vida das cinzas de outra vida:  
Que como tão crueis penas me traça,  
Como me traz em fogo convertida,  
A acabar, outra Phenix, me condemna,  
Morrendo em cinzas, renascendo em pena.

Ah! quem cuidára, Amor, que meus amores  
Fossem fingidas sombras mentirosas?  
Ah! quem cuidára, Amor, que em teus favores  
Fossem mais os espinhos, do que as rosas:  
Mas depois que triumpho a teus ardores,  
Foraõ de Marte as armas generosas:  
Tão guerreiro ficaste, ufano, e forte,  
Que bem pódes matar a própria morte.

Mas pois forçosamente me condemna,  
A que vos ausenteis, ah tyrannia!  
Deixai, deixai, Senhor, deixai-me a pena,  
Porque só della quero a companhia:  
Na noite mais escura, ou mais serena  
(Que para ausentes nunca nasce o dia!)  
Chorarei permittindo-o minha estrellla,  
Mais do que a saudade, a causa della.

Nas remontadas penhas, nas visinhas  
(Se restar a meus ais penhasco possa)  
Vos buscarão, Senhor, lagrimas minhas,  
Minhas, se póde ser, sendo a alma vossa:  
De meus annos a flôr entre as espinhas  
Passarei sem perder esta fé nossa;  
Mas antes perderão seu bruto alento  
O mar, o fogo, o ar, a terra, o vento.

Mas oh! que he tal a dôr de meus retiros:  
E tão firme na lei da tyrannia,  
Que vendo que me assistem meus suspiros,  
Talvez delles me roube a companhia:  
Mas inda mais, e mais acerbos tiros  
Contra mim fulminar amor porfia;  
Pois sem dar attenções á minha queixa,  
Por mais só me deixar, sem mim me deixa.

Qual, quando na manhã naufraga o dia  
Nos undosos cristaes, que o Ceo desata,  
O jasmim desmaiado se agoniza.  
Dos achaques da gotta, que o maltrata,  
Em desares trocando a galhardia,  
Icaro já nas aguas se retrata,  
O que lisonja foi tão prateada,  
Se no prado jasmim, nas ondas nada.

Tal Ignez já de lagrimas banhada,  
De seus olhos gentís mortaes desares,  
Que quiz a natureza acautelada  
Que o Occaso de dous Soes fossem dous mares:  
Exhalava de todo agonizada  
O suspiro final a seus pesares:  
Que com vir entre lagrimas undosas,  
Inda na boca achou maré de rosas.

Já Pedro em fim rendido a seu cuidado,  
A dôr quer disfarçar a seu retiro,  
Que como o coração tem já quebrado,  
Hum pedaço lhe traz cada suspiro:  
E como em fim no peito agonizado  
Sente da mortal frecha o novo tiro,  
Notando Ignez no pranto de seu rego,  
Exhala em agua, quanto bebe em fogo.

Naõ chores , diz , formosa Ignez , agora  
Ficar ausente sem partir comigo ;  
Que se és vida da minha , que te adora ,  
Na alma te levo por viver contigo :  
Naõ pretendo ausentar-me hoje , Senhora ,  
Suposto que partir-me em fim prosigo ;  
Que se as almas trocar amor consente ,  
Nem tu só ficas , nem me parto ausente .

O corpo só se ausenta , a alma naõ parte ;  
Que em fim naõ vivo de potencias suas ;  
Que como me alimento só de amar-te ,  
Bastaõ para viver memorias tuas :  
E porque amor nos tiros , que reparte ,  
Fulmina contra mim frechas mais cruas ,  
Quando a vida me rouba , outra me ordena ,  
Que fôra em fim matar-me a menor pena .

Mas nota , Ignez formosa , esta fineza ,  
A fazer impossiveis õfferecida ,  
Pois que contraminando a natureza ,  
Teu mesmo amor me mata , e me dá vida :  
Mas como amor notou nessa belleza  
Os impossiveis só de merecida ,  
Quiz tomar por razãõ força infallivel ,  
Obrar por alcança-la outro impossivel .

Bem vês agora , Ignez , como abrazado  
Nos vivos holocaustos de meu peito ,  
Meu coração consagro a teu cuidado  
Em victimas de lagrimas desfeito :  
Agora alcançarás , como alentado  
Todo me sacrificio a teu respeito ,  
Pois chego a consagrar , e em viva calma  
Sangue do coração , reliquias da alma .

Succeda á primavera o secco Estio ,  
Á serena manhã tarde calmosa ,  
Seja manso regato , quem foi rio ,  
Sejaõ seccas reliquias , quem foi rosa :  
Seja , quem cravo foi , cadáver frio ,  
Seja quem foi jasmim cinza olorosa ,  
Seja tudo á mudança em fim sujeito ,  
Que amor firme será dentro em meu peito .

Nessas gentís madeixas da beldade ,  
Em cuja luz do Sol o Sol se nega ,  
Onde feito pirata da vontade  
Nas crespas ondas sempre amor navega :  
Nessas digo captiva a liberdade  
Em refens minha fé por fé se entrega :  
Nellas deixo por fim com meus alentos  
Alma , cuidados , vida , e pensamentos .

Adeos delicia minha, adeos cuidado,  
Adeos Senhora, adeos, que amor consente,  
Que parta em fim nas magoas sepultado,  
Se partir posso de mim mesmo ausente:  
Adeos, que amor nos tinha decretado  
Esta ausencia cruel, forçosa, urgente;  
Mas ai! formosa Ignez, que em vão me queixo,  
Adeos, que em fim me parto, em fim te deixo.

Já se remonta Pedro a seus retiros,  
E já de morte em morte Ignez discorre,  
Que como entrega a vida a seus suspiros,  
Quantas vezes suspira, tantas morre:  
O coração sentindo acerbos tiros  
Pelos olhos sangrado em cristaes corre.  
Mas oh! que no sangrar-se em vão se cansa,  
Porque em cada sangria huma alma lança,

Qual na secca vergóntea desfolhada,  
Que despojo restou da tempestade,  
Se lamenta em requebros lastimada  
A casta rola posta em soledade:  
Soluça, pasma, e geme agonisada,  
Chora, suspira, anhela em crueldade,  
Que seu pesar lhe tem no peito unidos  
Rigores, magoas, lastimas, gemidos.

Tal lastimada chora Ignez saudosa,  
No seu mesmo tormento sepultada;  
Nos desvélos do dia cuidadosa,  
Nos descuidos da noite desvelada:  
Já se queixa em suspiros lastimosa,  
Fórma razões dos ais agonisada:  
Que fez para queixar-se em seus retiros  
Embaixadores da alma seus suspiros.

Oh! quanto foi de ti teu Pedro amado,  
Formosa Ignez, mas inda mais sentido,  
Pois sendo grande a gloria de logrado,  
Hojo he maior a magoa de perdido:  
Foi teu prazer á pena apensionado,  
He teu pesar na pena desmedido:  
Então foraõ de rosas teus favores,  
Agora são de lirios teus amores.

Já nos braços da Aurora, que assomava,  
Renascido chora o novo dia,  
Quando Ignez saudosa então negava  
A seu triste pesar a companhia:  
Á solidaõ do campo se apartava,  
Onde só lamentava, e só gemia;  
Porque mais no rigor de seus retiros  
A piedade faltasse a seus suspiros.

Entre flores inquire o doce amado,  
Presente em cada flôr o considera,  
E dando hum breve encanto a seu cuidado,  
Busca nas flores, quanto em flôr perdêra:  
Corre de flôr em flôr, de prado em prado,  
Tópa só magoas, donde gosto espera;  
Que foraõ seu prazêr, e seus favores,  
Perdas choradas, quando apenas flores.

Procura em cada planta, o que anhelava;  
Porque seu tormento engano escolha;  
Mas oh! que em seu pesar escrito achava  
Lições para sentir em cada folha:  
Já nas liquidas perlas, que chorava,  
Penhascos, plantas, prado, e folhas molha,  
E na lembrança já de hum bem perdido  
Lhe interrompe hum gemido outro gemido.

Qual o menino fica enternecido,  
Entre perplexidades pasmadinho,  
Quando no verde prado enternecido  
Lhe foge o gosto atraz de hum passarinho:  
Já soluça, já pasma esmorecido,  
Já busca cada flôr, cada raminho,  
Já melindrosos ais, mimoso alento  
Apoz o passarinho leva o vento.

Tal Ignez na penosa tyrannia  
Entre flores inquire o doce amado,  
Mas foi lisonja só da fantasia,  
Pois mais se nega hum bem, quando buscado :  
Já queixosa das flores se desvia,  
Já nas queixas diverte o seu cuidado,  
E nos alentos da alma, com que espira,  
Já soluça, já pasma, já suspira.

Na margem de huma fonte se encostava,  
Que já clara correo com seus favores,  
E se delles travessa murmurava,  
Em lagrimas agora exhala amores :  
Ás plantas, aos penhascos se queixava,  
Outra vez já seu mal contava ás flores,  
Onde nos echos, que respira o monte,  
Suspira o valle, porque chora a fonte.

Ai! caducas bellezas, lhes dizia;  
Ai flores! se queixava enternecida,  
Que sendo vossa vida de hum só dia,  
Muitas horas contaís na vossa vida :  
Mas oh! de minha dôr mór agonia,  
Oh morte em menor vida repetida!  
Que como em soledades só discorro,  
Nem conto instantes, porque sempre morro.

E vós, rosas, no mimo de huma aurora  
Lograis de vosso adorno a pompa bella;  
Que talvez por firmar vossa melhora,  
Tivestes no nascer tão boa estrella;  
Mas oh! que no pesar, que choro agora,  
Nestes fogosos ais, que o peito anhela,  
Escolhe minha estrella em triste sorte  
Por pena a vida, por lisonja a morte.

Vós, plantas, que sentís mudavel erro,  
Cifrando em cada folha hum pensamento,  
Se Dezembro lamenta vosso enterro;  
Abril em flôr vos dá dobrado alento;  
Mas oh! que em meu sentir, e em meu desterro  
Eternisa hum rigor meu sentimento;  
Pois quer amor na sorte, que me ordena,  
Se alimente huma pena de outra pena.

E tu, bruto penhasco inhabitado,  
Tosco sepulchro de huma clara fonte,  
És agora de flores matisado.  
Idolo de cristal, gala do monte:  
Mas oh tyranna dôr! que meu cuidado  
Hoje lamenta o mal, que chorou honte,  
Vendo, que teu terror com bruto aviso  
Honte foi Poliphemo, hoje he Narciso.

Mas oh queixas parai , parai cuidados ;  
Parai , façamos treguas pensamento ;  
Que dos males talvez communicados ,  
Póde nascer desar ao sentimento :  
Correi , da alma pedaços distillados ,  
Dizei lagrimas minhas , meu tormento ;  
Minhas não digo bem ; que juntamente  
Parai tudo no bem , que choro ausente.

Irmanai-vos ; correi mais cuidadosas ;  
Seja vosso correr mais repetido ,  
Não cuideis , que vos choro caudalosas ;  
Porque deis desaforo a meu sentido :  
Que como nas memorias rigorosas  
Vossa causa lamento , que hei perdido ,  
Se talvez mitigais hum sentimento ;  
Não tem valor nas perdas vosso alento.

Oh ! corraõ com valor vossas violencias  
Por duplicar incendios a meu rogo ;  
Que não fôra querer sentir ausencias ,  
Se vos chorára só por desaforo :  
Que posto deis allivio ás inclemencias ,  
Não podeis dar allivios a meu fogo ;  
Que como sou das penas avarenta ,  
Qualquer allivio vosso me atormenta.

Correi livres, correi, que amor ordena,  
Sejais a meu rigor ancia penosa;  
Que não comprais allivios a huma pena,  
Quando chegais a ser paga forçosa:  
Que pois amor por força me condemna  
Tributar-vos por divida custosa;  
Mal podeis mitigar o mal, que tenho,  
Quando sois do que devo desempenho.

Naõ me póde obrigar outro motivo,  
Senaõ chorar-vos só por natureza,  
Que quer, que seja amor por excessivo  
Tributo natural, o que he fineza;  
Que como a seu querer sujeita vivo,  
Rendida a seu querer captiva, e presa,  
Do pranto, que saudosa me convinha,  
Se não póde isentar a affeição minha.

Em vos sentir agora mais penosas,  
De ser mudas razões faço argumento;  
Que quando não chegais a ser queixosas,  
Naõ limitais a dôr ao sentimento:  
Que foreis só lisonjas enganosas,  
Mas não crueis verdugos ao tórmento,  
Quando na voz queixosa, que formára,  
Lastimas a meus ais solicitára.

54.

Mais duro sentimento, mais nocivo  
No ser da alma pedaços vos confesso,  
Pois se levais a parte, com que vivo,  
A parte me deixais, com que padeço:  
Que como neste mal por excessivo  
Repartida minha alma reconheço,  
Se levais huma parte não pequena,  
A vida póde ser mas nunca a pena.

55.

Oh! torna atraz arroio fugitivo,  
Alma da penha, coração do monte,  
Torna atraz, que meu pranto successivo  
Te fará rio, quando apenas fonte:  
Oh! torna atraz veloz, detem-te esquivo:  
Detem-te, espera, que meus males conte,  
Que vás talvez com prata tão custosa  
Calçar as plantas de huma ingrata rosa.

56.

Se te vás despenhar ambicioso  
Por aspirar a credits de rio,  
Leva meu triste pranto lacrimoso,  
Oceano será teu senhorio:  
Embarga teu correr tão cuidadoso,  
Suspende teu caudal, teu desvario,  
Que lá terás no mar onde te escondas,  
Quantas lagrimas levas, tantas ondas.

Mas oh ! parai razões , tornai gemidos ,  
A dôr interpretaí , que o peito sente ,  
Que talvez em meus ais por repetidos  
Os eccos ouça de quem choro ausente :  
Ai ! doce ausente meu , não dos sentidos ,  
Ai ! quem pudéra , amor , ter-vos presente :  
Mas deixai-me fallar , talvez que possa  
Ouvir na minha voz eccos da vossa.

Aqui , meu doce amor , meu bem querido ,  
Se me duplica a dôr ao pensamento ,  
Pois quando em vós me falta meu sentido ,  
Não me póde faltar meu sentimento :  
Em vós lamenta a dôr meu bem perdido ,  
Em mim renova a dôr novo tormento ;  
Mas creio , doce amor , que sentir possa  
Menos a minha dôr , que a falta vossa.

Menos dôr , menos damno em fim tivera ,  
Menos cruel sentira o meu cuidado ,  
Quando neste rigor , que padecêra ,  
Me pudéra esquecer do que hei logrado :  
Mas ai ! que nesta dôr outra me espera ,  
E hum mal outro me traz apensinado ;  
Pois chego a padecer em meu sentido  
O mal , que passo , o gosto , que hei perdido .

Bem conheço, que posso na lembrança  
Vossas prendas lograr, meu doce esposo,  
Mas o bem, que se perde na esperança,  
Fica, quando lembrado, mais penoso;  
Mas nesta trista dôr, dura esquivança,  
Se me duplica amor mais rigoroso;  
Pois só quer meu sentido avincular-se,  
Para mais padecer, a mais lembrar-se.

Assim chorava Ignez, e assim gemia,  
Mas oh tragica dôr! rara estranheza!  
Que já tópa nas mãos da tyrannia,  
Armas sempre mortaes a belleza:  
Nas mãos de dous tyrannos já se via  
Entre crueis espadas, tosca empreza!  
Mas que rosa no campo aurora molhas,  
A que não falte a vida, e sóbrem folhas.

Parai, detende a furia procellosa,  
Parai, parai, detende o bruto alento:  
Que contra o fresco mimo de huma rosa,  
Ah! que sobeja hum sol, e basta hum vento?  
Mas ai, discreta Ignez, graça formosa,  
Remonta agora mais teu soffrimento,  
Que temo linda Ignez teus lindos brios  
Accrescentem coraes a tantos fios.

Qual nas tecidas sylvas de espessura,  
Labirinto de espinhas intrincado  
Com balidos se queixa da ventura  
O simples cordeirinho aprisionado:  
Já soluça em melindres com ternura  
Das maternas delicias apartado:  
E o que mimos achou na branda hervinha,  
Acha mortal rigor em cada espinha.

Tal lastimada Ignez troca em gemidos,  
Quantas vozes no peito articulava,  
Em quanto os dous algozes fementidos  
As mãos lhe prendem, com que amor matava:  
Já fugindo os alentos aos sentidos,  
O soluçar as vozes lhe embragava:  
Mas oh! que amor lhe deo no pensamento  
Razões ao pranto, voz ao sentimento.

Ai tyrannos cruéis! oh sorte dura!  
Entre suspiros, diz agonisada,  
Que delicto commette a formosura,  
Com que possa a belleza ser culpada?  
Oh! deixai-me esta vida em pena escura,  
Se me quereis a morte dilatada;  
Que nesta triste dôr tão repetida  
Menos me mata a morte, do que a vida.

Oh! suspendei sentença tão penosa,  
Mitigai por hum pouco a crueldade,  
Que não podeis dar morte rigorosa,  
Que possa matar mais que a saudade:  
Mas já que minha dôr menos piedosa  
Vos não póde causar nova piedade,  
Não me roubeis meus filhos tão queridos,  
Unica prenda só de meus sentidos.

Ai! caras prendas minhas tão queridas,  
Reliquias de amor, da alma pedaços,  
Ai! como sentireis em mim perdidas  
As mimosas delicias de meus braços:  
Mas não póde ser entre homicidas  
Lograr, amores meus, vossos abraços,  
Adeos, ficai-vos já gostos amados,  
Adeos alma, adeos vida, adeos cuidados.

Mais quizera fallar enternecida,  
Mas oh! indigna acção de hum peito forte!  
Hum tyranno cruel, torpe homicida,  
Nos fios de hum punhal lhe tece a morte:  
Inclina o lacteo collo amortecida,  
Avassalada já da infausta sorte,  
Exhala a vida o corpo de alabastro,  
Fenece amor com Dona Ignez de Castro.

Qual a branca assucena, que cortada  
Sente do ferro, ou tempo, a crueldade,  
Em seu mesmo candor amortalhada,  
Defunta flôr em flôr, na flôr da idade:  
Á qual ficaõ sómente de engraçada  
Os antigos rascunhos da beldade:  
Tal fica a bella Ignez amortecida  
Sem gala, luz, sem còr, graça, nem vida.

70.

Vós agora trofeos da formosura,  
Apparencias vitaes de ramalhete,  
Colhei as vélas, porque a pouca altura  
Qualquer onda vos molha o galhardete:  
Olhai, que a branca rosa, flôr mais pura,  
Acha-se berços, campas no alegrete:  
Attentai, leve flôr, belleza vã,  
Que he mais antiga a tarde, que a manhã.

## C A N T O II.

## 1.

Já da fatal tragedia retiradas  
As restantes ruínas da fereza,  
Ficáraõ só no campo idolatradas  
Humas breves reliquias da belleza:  
Ausente Pedro, sem que as mal logradas  
Lamentasse memorias da firmeza,  
Taõ ditoso nas magoas se discorre,  
Que morre ufano sem saber, que morre.

## 2.

Queixosa em fim fenece a galhardia,  
Solicita queixumes a ternura,  
Vendo já no desdem da tyrannia  
Menos cruel a Parca, que a ventura:  
Que como qualquer dote se avalia  
Por symptoma fatal da formosura,  
Aquella mesma dita, que entre sortes  
Cumula prendas, multiplica mortes.

## 3.

À ventura se queixa , que a beldade  
Fosse causa da perda , porque unida  
Naquellas prendas da melhor idade ,  
Fez acabar rigor , o que era vida ;  
Mas a Parca tyranna por vaidade  
Solicita bellezas advertida ,  
Porque dellas talvez se não cuidára ,  
Morte fôra huma prenda , e só matára.

## 4.

Só suspiraõ , só choraõ lastimosas  
( Que não pára nas queixas a fineza )  
Aquellas , que restáraõ só piedosas  
Troias do amor , reliquias da belleza :  
Aquellas , digo , prendas lacrimosas ,  
Dous Infantes gentís , que a natureza  
Deixou com vida , porque em seu tributo  
Fosse a morte da fiôr vida do fructo.

## 5.

Qual nos braços da planta mais visinha  
Em roupas de rubim , cama olorosa ,  
Sentindo huma lanceta em cada espinha ,  
Sangrada no jardim fenece a rosa :  
Consagrando-se fiôr , quem foi Rainha ,  
Em vivos holocaustos sanguinosa ,  
De cujas cinzas restaõ por grinaida  
Reliquias de ouro em cofre de esmeralda.

## 6.

Que pezares , que penas , que rigores  
Amor formava , cada qual sentia ,  
Qual nos gemidos soluçando amores ,  
Em carinhos as magoas confundia :  
Qual desmaiado no tapiz das flores ,  
Se recosta trofeo da tyrannia ,  
Notando aquelle peito , cujo enfeite  
Lhe troca em pena quanto foi deleite.

## 7.

Quantas vezes fallando enternecidos ,  
Em soluços lhe para o doce alento !  
Quantas na voz do monte repetidos  
Os saudosos ais lhe torna o vento !  
Quantas a ser naufragio dos sentidos ,  
Se deriva em cristaes o sentimento !  
Pois quer a dôr querendo amor agora ,  
Chorem dous Soes a falta de huma Aurora.

## 8.

Alentado rigor , duplica em tiros  
Se bem globos de fogo , esféras de agoa ,  
Não resiste clavel , que nos retiros ,  
Não morra espuma , e não feneça fragoa :  
Multiplica-se o vento nos suspiros ,  
Fogosos raios lhe despede à magoa :  
Já não sabe nascer , nem brilhar rosa ,  
Que não pame defunta mariposa.

Nem tributaõ lisonjas aos sentidos  
Nestas mudas razões, que amor ordena,  
Que sujeitos amantes desunidos,  
Aquelle, que mais chora, esse mais pena:  
E se lagrimas são nos mais sentidos  
Almas do coração, bem se condemna  
Qualquer a mais sentir, pois he patente,  
Que quem mais almas tem, muito mais sente.

A solidaõ de Pedro imaginada  
Lhe accende as almas, lhe distilla os peitos,  
Que nem morrêra Ignez, se retirada  
Não sentíra distante os seus effeitos:  
Que como seja amor, muito apertada,  
Se gentil, uniaõ de dous sujeitos,  
Quando matar hum delles amor trata;  
Sem desunir os dous hum só não mata.

Assim passaõ da magoa a ser espanto  
Os dous aios do mimo, os dous Cupidos,  
Narcizo cada qual do proprio pranto,  
Phaetontes em fim de seus gemidos:  
Se foraõ gala da belleza, em quanto  
Eraõ gentís desvélos dos sentidos,  
Lastimas ficaõ já da tenra idade,  
Culpas de amor, delictos da beldade.

Quaes simples avesinhas , que roubadas  
Às lisonjas de Abril mimos de Flóra ,  
Dos maternaes alentos apartadas ,  
Suspira cada qual , cada qual chora :  
As que foraõ do campo idolatradas  
Oraculos do Sol , linguas da Aurora ,  
De si mesmas agora occulta fragoa ,  
Concebem pena , quando abortaõ magoa.

Mas já funesta voz , turbado alento  
Por linguas de metal enrouquecido  
Formava o Semideos monstro violento ,  
Gigante pela fama conhecido :  
Aquelle , cujo alado atrevimento  
Se remonta veloz , e taõ subido ;  
Porque nelle talvez o mundo veja  
Voarem penas a pesar da inveja.

Lá fez a turba lastimoso effeito  
Nos alentos de Pedro , que em suspiros  
Os mais dos eccos lhe interpreta o peito  
Dobrando magoas , renovando tiros :  
Quando apenas em fim na dôr desfeito  
O coração lhe pasma , que em retiros  
Suffocado talvez da intensa calma ,  
Se isentou de correr por conta da alma.

## 15.

No combate fatal deste desmaio  
( Lastimoso parenthesis da vida ! )  
Tributa vivas ao mortal ensaio,  
A sentinella da alma já vencida :  
Não morre Pedro , não , que aquelle raio  
Foi lançada de amor , que repetida ,  
Se pretende matar a quem suspira ,  
Menos o mata , se lhe a vida tira.

## 16.

Assim vivendo morre , quando amante ;  
Assim morrendo vive , quando ausente ;  
Que se morre , pois pena por distante ,  
Vive tambem , pois ama , porque sente :  
Mas em fim não passará tanto ávante  
Nas finezas amor , que fôra urgente  
Acabar-se na vida , se a roubára ,  
E tão fino não ser , senão matára.

## 17.

Mas quem diria agora o que sentiste  
Neste Pedro de amor menos ventura ,  
Dos carinhos ausente , que já viste  
Brotar melindres produzir brandura ?  
Oh ! que dirias , Pedro , quando abriste  
Aquelles dous conceitos da ternura ?  
Os olhos , digo ; mas amor ordena  
Parte das queixas interprete a pena.

18.

Já no pardo capuz , roupas saudosas ,  
Emmudecida a terra se encobria ,  
E nos hombros das nuvens tenebrosas  
Ataúdes de sombra o tempo erguia ,  
Consagrando com tochas lacrimosas  
Mudas exequias ao defunto dia ,  
Dando claros signaes a Joven louro  
Em torres de saphir os signos de ouro.

19.

Quando a favor da vida o sentimento  
Novos em Pedro reproduz gemidos ,  
Sendo sumilher da alma o novo alento ,  
Que lhe corre as cortinas aos sentidos :  
Mas já liquida dôr , claro tormento  
Se acredita nos olhos advertidos :  
Que quem nas penas solitario mora ,  
Só lhe resiste vivo , em quanto chora.

20.

Solicita retiros , em que unidas  
Se acreditão de finas as saudades ,  
Que são mais primorosas , se sentidas  
Não permittem motivos a piedades :  
Tributáraõ labéos de mal nascidas ,  
A não passarem mostras de vaidades ,  
Quando não foraõ mais , que eternisadas ,  
Solitarias , occultas , retiradas.

## 21.

E já nas solidões entretenido  
Interpreta lisonjas aos cuidados,  
Pois vai vendo nas flores advertido  
Mortaes prendas, alinhos mal logrados:  
Mas apenas se lembra enternecido  
Daquelles Soes agora imaginados,  
Quando já vacillante se discorre,  
Aqui pasma, alli geme, acolá morre.

## 22.

Qual girasol gigante, que atrevido  
A beber raios amoroso aspira,  
Se bem que entre zeloso, e presumido  
Desdenha ufano, temeroso gira:  
Mas vendo apenas, que o galan querido  
Com disfarces de nacar se retira,  
Porque se vê das glorias todo ausente,  
Languído pasma, cuidadoso sente.

## 23.

Em fim rompe nas queixas amorosas  
Agora Pedro, quando as vê sentidas,  
Que não pôdem livrar-se de penosas,  
Quando sabem fugir a ser ouvidas:  
E só discretas são, se rigorosas,  
As que menos se prezaõ de entendidas,  
Que já por isso Pedro se as pretende,  
He só porquê a si mesmo não se entende.

24.

Ai ! gloria minha , diz , gloria sonhada !  
 Minha te chamo , quando assim perdida ,  
 Que se não tens as veras de lograda ,  
 O dezar não padeces de esquecida :  
 Como , gloria , maltratas , se lembrada ?  
 Como molestas , gloria , possuida ?  
 Na posse logras ancia de fallivel ,  
 Na memoria rigores de impossivel .

25.

Como soube deixar-me assim frustrado  
 Este rigor , que gloria se habilita ,  
 Quando me fez maior , que o mesmo fado ,  
 Maior que amor , maior que a mesma dita :  
 Quem me dissera entãõ , que este cuidado  
 Fosse rosa , que apenas se acredita ,  
 Quando se vê nas mãos da natureza  
 Trofeo da dôr , sangria da belleza !

26.

Ai triste solidaõ , ai pena ingrata !  
 Quanto menos cruel fôras agora ,  
 Se permittindo a magoa , que maltrata ,  
 Não roubáras a gloria , que te adora !  
 Mas esta dôr não fôra , que assim mata ,  
 Rigoroso pesar , se assim não fôra ;  
 Pois não se mede o mal de quem suspira ,  
 Pelo que tem , senãõ pelo que tira .

Mas inda mais avante acompanhada  
Desta dôr outra pena já me alcança;  
Pois na magoa da perda lamentada  
Os alivios me rouba da esperança:  
Mas como, se não fôra eternisada,  
Maltratára das glórias a mudança,  
Que o pesar sem remedio padecido  
Mata porque ha de ser, e porque ha sido.

Nem pôdem mitigar esta saudade  
Assistencias de amor, porque resiste  
Outra nova razão da soledade,  
Que nas distancias desse amor consiste:  
Que como aquelle objecto da vontade  
Hoje feito impossivel não me assiste,  
Sendo vinculo amor entre sujeitos,  
Não tendo extremos, não produz effeitos.

Só deixára de ser eternisada  
Esta dôr; mas só fôra divertida,  
Se a memoria da pena imaginada  
Não passára a ser pena padecida:  
Só razão de prazer, quando lembrada,  
Essa gloria tivera, que he perdida,  
E sendo assim passada na lembrança  
Soubéra ser futura na esperança.

Nem queixumes de lagrimas sentidas  
 Alivios pôdem ser nesta saudade,  
 Que sendo partes da alma desunidas,  
 São causas naturaes da soledade:  
 Porque quando nos olhos advertidas,  
 Procuraõ fugitivas liberdade:  
 Aquella mesma vida, que me alenta,  
 Tambem nellas partida se me ausenta.

Oh quem me dera já ser assistido  
 Dos penhascos talvez, que o monte cria!  
 Mas quem não tem razões para sentido,  
 Não póde ter nas mágoas companhia:  
 E hum rigor por ausencias padecido,  
 Com nenhuma presença se alivia;  
 Que quem nas ancias, que padece hum triste,  
 Juntamente não pena, não lhe assiste.

E menos me permite esta esquivança  
 Ser de vós assistido, lindas flores,  
 Pois por gentís emblemas da mudança  
 Hieroglyphico sois de meus amores:  
 E se produzis glorias na lembrança,  
 Mal podeis assistir a meus rigores;  
 Que não faz assistencia nos retiros,  
 Quem motiva principios aos suspiros.

33.

Nem já , féras , talvez vossa bruteza  
Resta para topar branda piedade ;  
Mas como póde ser , se a natureza  
As noticias vos nega da saudade ;  
E no fatal rigor de huma tristeza ,  
Nos effeitos mortaes da soledade ,  
Não póde ser a dôr compadecida ,  
Sem que seja na causa conhecida.

34.

Nem sereis , avesinhas , no saudoso  
Companheiras gentís a meus retiros ,  
Que diversos sujeitos no penoso ,  
Tem diversas as magoas nos suspiros :  
E bem se vê , que o mal todo invejoso  
Mais a mim , do que a vós fulmina os tiros :  
Pois n'hum rigor fatal hum damno esquivo ,  
Mais mata o racional , que o sensitivo.

35.

E menos podeis ser a meus sentidos  
Deleitoso carinho na saudade ,  
Lisongeiros arroios , que atrevidos  
Solicitaes dos olhos a vaidade :  
Mas como ? se a meus ais , e a meus gemidos  
Multiplicais melhor a soledade ;  
Pois em vós retratado , e descontente ,  
De mim mesmo me vejo estar ausente.

Mas ainda assim parai , que se melhora  
Nestas lagrimas minhas vosso augmento ,  
Se professais correntes , como agora  
Sabeis livres fugir ao sentimento :  
Parai , não murmureis , que nisso fôra  
Muito mais conhecido vosso alento ;  
Olhai que se condemna , ou se aventura ,  
A não fazer remances quem murmura.

E vós parai nas queixas amorosas ,  
Galantes cortezãos da soledade ,  
Que não fazeis os pontos de queixosas ,  
Quando dais tantas falsas na saudade :  
Parai , digo , a meus ais , parai piedosas ,  
Parai nos quebros , tende a liberdade ,  
Aprendereis a ser nestes retiros  
Hum Phénis cada qual de meus suspiros.

Parai gentís emblemas da vaidade ,  
Flores , digo , parai , parai saudosas ,  
Não bebais presumpções , que a pouca idade  
Sereis de meus incendios mariposas :  
Aprendei dos alinhos da beldade ,  
De vossa vida , digo , a ser piedosas ;  
Que sempre foi nas regras da ternura  
Mui capaz de lições a formosura.

Parai, fêras, também nesses ruidos,  
Guardas do monte, archeiros da fereza,  
Fazei caso das penas, que os bramidos  
Argumentos parecem da belleza:  
Isto basta, parai, que os entendidos  
Pódem talvez notar vossa estranheza:  
Minhas queixas ouvi, que alivio fôra,  
Quem não pôde fallar, me ouvisse agora.

Parai, broncos penhascos, que o Ceo cria  
Para paídos Atlantes dos retiros,  
Se vos vence huma liquida porfia,  
Como já resistis a meus suspiros?  
Mas oh! que digo, páre a covardia,  
Exhale o peito, multiplique os tiros,  
Duplique amor, dobre o sentimento,  
Agua nos olhos, nos suspiros vento.

Ferido o coração tribute em fogo  
Undosa prata, derretido alento,  
Se liquida sangria ao desaforo,  
Lisongeira lanceta ao sentimento,  
Se excessivo queixume, ardente rogo,  
Se verta em nuvem, se distille em vento,  
Não fique planta, que a pesar do espanto,  
Não morra em fogo, não se afogue em pranto.

Sejaõ linguas dos olhos mudas aguas ,  
 Interpretes da dôr tristes retiros ,  
 Eloquencias do peito vivas fragoas ,  
 Razões do coração ternos suspiros ,  
 Rhetoricas da pena ardentes magoas ,  
 Elegancias de amor dobrados tiros :  
 Emmudeça a razão , que só parece  
 Sabe tambem sentir , quando emmudece.

Distille o coração , duplique o vento  
 Ethnas a seu pesar , aguas ao rogo ,  
 Morra por glorias de seu mesmo alento  
 Troia nas ondas , e Narciso em fogo :  
 Incendios solicite ao sentimento ,  
 Diluvios multiplique ao desafogo ,  
 Sendo de seu rigor o mesmo ensaio  
 Nas causas nuvem , nos effeitos raio.

Naõ cresça lirio , que naõ sinta os tiros ,  
 Clavel naõ gire , que naõ pasmee em fragoas ,  
 O que Phenis naõ fôr entre os suspiros ,  
 Morra já Phaetonte sobre as aguas :  
 Sejaõ vozes as magoas nos retiros ,  
 Que melhor nos retiros se ouvem magoas ,  
 Se se póde na dôr , que amor ordena ,  
 Ouvir a magoa , sem sentir a pena.

Naõ reste planta, que se a atreva a tanto,  
Que naõ murche dos ais enternecidos,  
Rosa naõ fique, que a pesar do espanto,  
Se naõ séque lubibrio dos gemidos:  
Em fim duplique a dôr, produza o pranto  
Lastimosos naufragios dos sentidos,  
Seja neste pesar, nesta esquivança  
Charybdes da alma o cabo da esperança.

Mas ai ! que as plantas no desdem da idade,  
Mas ai ! que as flores no rigor de hum vento,  
A naõ serem jasmins na brevidade,  
Naõ seriaõ perpetuas no tormento:  
Só tu, terrivel ancia da saudade,  
Eternisas agora o sentimento;  
Porque quando matar-me amor ordena,  
Me deixas vida, com que o corpo pena.

Quem soubera cuidar, que a mais crescida  
Tyrannia cruel da dôr mais forte  
Fosse, quando nas perdas de huma vida  
Impossiveis sentisse de huma morte:  
Mas he rigor da magoa repetida  
Por industria fatal da iniqua sorte;  
Porque quando talvez matar-me trate,  
Por topar-me sem vida naõ me mate.

E se fôra da vida roubadora  
Esta sorte fatal tormento esquivo,  
Tivera só por pena matadora  
Qualidades de grande no intensivo:  
Mas não, que como amor pretende agora  
Cumular intensões ao sensitivo,  
Não quer, que amor me mate, pois durára  
Muito menos a pena, se matára.

Agora alcançarás, prenda querida,  
Os rigores de amor na minha sorte,  
Pois agora me quer roubar a vida,  
Só por não tirar primeiro a morte:  
Mas ai! que a pena se duplica unida,  
Mas ai! que a magoa se eternisa forte,  
Pois que vejo na dôr do mal esquivo,  
Que não posso morrer, porque não vivo.

Mas agora na pena, que me entrega,  
Vejo, que quer a dôr, e a mais aspira,  
Que padeça na morte, que o mal nega,  
E que pena na vida, que amor tira:  
Aqui verás, Ignez, a quanto chega  
Esta pena de amor, que amor conspira;  
Pois agora não sei, no que discorro,  
Se vivo ausente, nem se ausente morro.

Mas em fim, que me queixo dos rigores,  
 Com que talvez amor me tyrannisa,  
 Quando mais martirisaõ seus favores,  
 Onde qualquer lembrança os eternisa:  
 Pois quando apenas se alentáraõ flores,  
 Passáraõ quasi flôr, que se agonisa;  
 Por isso a minha queixa mais se ordena  
 A sentir seu desdem, que a minha pena.

Oh duro amor! oh fragoa dos gemidos,  
 Prisaõ da vida, Argel da liberdade,  
 Martyrio da alma, guerra dos sentidos,  
 Encanto doce da melhor vontade;  
 Teus favores só foraõ conhecidos  
 Por gentís prendas da mais tenra idade,  
 A não serem primeiro teus favores  
 Seccas espinhas, que animadâs flores.

Que cuidados não causas, Joven cego?  
 Que rigores não dás ao pensamento?  
 Que delicias não roubas ao socego?  
 Que lisonjas não finges ao tormento?  
 A que peitos não dás custoso emprego?  
 A que vidas não tiras doce alento?  
 De que genios não reinas? de que idades?  
 De que prendas gentís? de que beldades?

54.

Quem me disséra , quando Ignez lograva  
Nos carinhos gentís de seus favores ,  
Quando nelles amor idolatrava ,  
Para poder talvez morrer de amores :  
Quem me disséra logo , que aspirava  
Hum caduco prazer a taes rigores !  
Quem me disséra então , que da ventura  
Era mortal delicto a formosura .

55.

Quem disséra , que os laços de alvedrios ,  
Gentís madeixas , onde a natureza  
Repartio liberal por tantos fios  
Os melhores extremos da belleza ;  
Esses agora , que acabáraõ brios ,  
Se arrastaõ já bandeiras da tristeza ?  
Mas que muito , se nunca em seus ensaios  
Nenhum , por louro , se isentou de raios .

56.

Oh bem , que pouco duras possuido !  
Só logras algum ser , quando esperado ;  
Nos molestos receios de perdido  
Tyrannisas o gosto de alcançado :  
Oh sonhada lisonja do sentido !  
Oh mais terrível ancía do cuidado !  
Flôr , que apenas se vê , quando se chora  
Enteada do Sol , filha da Aurora .

Aquelles olhos, donde o Sol furtava  
Os melhores thesouros da vaidade,  
E em luzidas capellas consagrava  
Dous Altares amor a huma beldade:  
Aquelles, cuja luz interpretava  
Os occultos archivos da vontade,  
Estes mesmos erarios da belleza  
Deixa a perder de vista huma fereza.

Oh débil gloria, lisongeiro ensaio!  
Babel da vida, lingua de escarmento,  
Desfeita sombra do mais breve raio,  
Quebrado vidro do mais tibio vento:  
Jasmim, que pasma de qualquer desmaio,  
Cravo, que morres de teu mesmo alento!  
Oh gloria humana! em fim gloria sonhada,  
Vida, sombra, jasmim, ou cravo, ou nada.

Aquella bocca, donde a mais lustrosa  
Se divisava purpura incendida,  
Em quem se vio nascendo a bella rosa  
Com menos folhas, quando mais partida,  
Agora só se occulta lastimosa  
Em desmaios de neve amortecida;  
Mas que prenda não tem, que formosura,  
Muito menor a vida, que a ventura!

Lá pertende nascer cravo lusido,  
Mas em casa gentil botão fechado;  
Porque aquella manhã, que o vê nascido,  
O chorasse primeiro amortalhado:  
Quem, ó purpurea flôr, tão presumido?  
Mas quem, cravo gentil, tão lastimado?  
Que lhe chegue a tecer a natureza  
A mortalha primeiro, que a belleza.

Aquelle brando aceio da ternura,  
Aquelle doce Argel da liberdade,  
Aquelle emblema só da formosura,  
Aquelle bello encanto da vontade,  
Aquelle gentil pasmo da ventura,  
Aquelle rico erario da vaidade,  
Nos alinhos se vê já confundida,  
Trofeo da morte, lástima da vida.

Que pouca duração, que mal segura,  
Tem nas prendas da vida huma belleza!  
Só vive, em quanto nasce a formosura,  
Espira, em quanto vive a gentileza:  
Em fim mais morre, quanto em fim mais dura,  
Mortalidades traz por natureza,  
Quanto mais alentada, e mais luzida,  
Mais accidentes logra, e menos vida.

Mas se são melindrosa enfermidade  
Prendas de amor, e dotes de huma vida,  
Que muito, bella Ignez, que essa beldade  
Fosse de teus alentos homicida:  
Comtigo amor te foi no Abril da idade,  
Menos ambiciosa, que atrevida,  
Sem reparar, Ignez, que teus rigores  
Perdessem frutos por cortarem flores.

Mas viverás, Ignez, que amor ordena,  
Nestas memorias, onde a tyrannia,  
Por não lograr-se mal a minha pena,  
Debuxa melhor tua galhardia:  
Aqui verás, Ignez, se me condemna  
Amor, que por tyranno se avalia,  
A fazer impossiveis, pois discorro,  
Viver lembrado, quando ausente morr .

Aqui passo talvez a mais querer-te,  
Onde chego mais fino a mais lembrar-me,  
Porque foraõ distancias de não vêr-te,  
Incentivos talvez para olvidar-me:  
Mas nem tópo motivos de perder-te  
Nesses teus infalliveis de deixar-me,  
Que sendo vida minha, só pudéra,  
Por perdida julgar-te, se eu morrêra.

Morra no ramilhete flôr covarde  
A que rosa nasceo mais alentada,  
Vomitando rubins, pague na tarde  
Quantas perlas bebo na madrugada:  
Seja bruto fiscal de tanto alarde  
O mesmo dia, que a chorou cortada;  
Que nenhuma manhã, nem tarde temo  
Contas possa tomar de tanto extremo.

Assim se queixa Pedro, quando ausente  
Daquellas prendas nunca mais queridas,  
Pois amor, que lembradas as consente,  
As pintou bellas, quando as vio perdidas:  
Quando nas penas, que dobradas sente,  
Quando nas queixas, que repete unidas,  
Já desmaiado pasma, porque ordena  
A mesma queixa, que se calle a pena.

Qual o lirio gentil nas mãos da tarde,  
Quando fragoas se alenta, incendios gira,  
Funesta vida de seu mesmo alarde,  
Bebendo raios abrazado espira:  
O que roixo matiz apenas arde,  
Parda nuvem murchando se retira,  
Em quanto a Aurora tarda, que de hum raio  
Lhe corta galas para novo ensaio.

Em fim Pedro se calla , e não consente  
Os sentidos queixumes , que derrama ,  
Que se vive queixoso quem mais sente ,  
Põe limite nas queixas quem mais ama :  
Mas aqui lhe concede amor presente  
Aquellas prendas , com que mais se inflamma ,  
Que são talvez motivos do socego  
As memorias gentís do doce emprego.

Agora humanas prendas ( se entendidas )  
O desdem desprezai da infausta sorte ,  
Que não duraõ taõ pouco as vossas vidas ,  
Que não saibão passar além da morte :  
Attentai ( se notardes advertidas )  
Que naquelle de amor rigor mais forte ,  
Aconteceo da misera , e mesquinha ,  
Que depois de ser morta , foi Rainha.

F I M.

*Catalogo de alguns Livros que ha para vender nas lojas de João Henriques, na Rua Augusta N.º 1, e de Bertrand, aos Martyres.*

Arte Poetica de Boileau. Traduzida do Francez pelo Excellentissimo Conde da Ericeira. Acompanhada a dita Traducção com a Carta que Boileau escreveo ao Excellentissimo Conde, agradecendo-lhe a bella Traducção que lhe remettêra da sua Arte Poetica, em 8.º 1818. br. 200

As Tristes Narrações de hum Solitário, ou o tragico fim da desgraçada Sofia. Historia Moral, em que se mostra quanto pôde a força da primeira inclinação, e paixão de dous Amantes, ligados pela virtude, e desunidos pela violencia. Nova Edição, em 8.º 1818. br. 200

Amor, e Probidade, Novella extrahida de hum Romance em Cartas, com o mesmo titulo em Alemão. Dada á luz por A. M. da C. S., em 8.º 1818. br. 320

Henrique, e Emma, Poema de Prior, imitação da Bella Brune de Chaucer. Traduzido em Portuguez, em 8.º 1818. br. 200

Sepultura de Lesbia, Poema em XII Prantos, por Thomaz Antonio dos Santos e Silva. Segunda Edição, em 8.º 1818. br. 240

- O Escravo das Paixões, ou o Principe de Moravia. Anecdota Historica, traduzida do Francez por Francisco de Paula e Oliveira, em 8.º 1818. br. 240
- Vestinia, e Astor, ou o Amor generoso. Conto Moral, traduzido do Francez, e acompanhado de outro pequeno Conto, que tem por titulo: Amor offendido, e vingado, em 8.º 1818. br. 240
- Segredos das Artes Liberaes, e Mecanicas, recopilados, e traduzidos de varios Authores Selectos, que trataõ de Fysica, Pintura, Architectura, Optica, Quimica, Douradura, e Acharoadado, com outras curiosidades proveitosas, e diversas. Seu Author D. Bernardo de Monton. Vertido do Castelhana em Portuguez, em 8.º dous Vol. 1818. br. 480
- O Perigo das Paixões; Conto Allegorico, e Moral, para servir de Lição á Mocidade, com huma Analyse sobre as Paixões Humanas. Nova Edição, em 8.º 1818. br. 240
- Os Azares da Fortuna, ou a Historia de Roberto, o Provençal, escrita por elle mesmo, em 8.º 1818. br. 240
- O Sacrificio Frustrado, ou a Felicidade no ultimo lance. Historia traduzida do Inglez em Lingua Portugueza. Segunda Edição, em 8.º dous Vol. 1818. br. 480

- As Desgraças de Iddalina, pelo Crime Indiscreto do Conde Tokenburg. Historia Alemã, em 8.<sup>o</sup> 1818. br. 240
- A Afflicção Confortada: Dirigida á Virtude da Paciencia, por João Bâptista de Castro. Quarta Edição, em 8.<sup>o</sup> 1818. br. 240
- Aforismos Moraes, e Instructivos, Sentenças, Pensamentos, Bons ditos, &c. Obra util a todo o genero de pessoas, onde se achão documentos necessarios para a boa instrucção da vida civil, e recreio honesto para toda a qualidade de pessoas. Compilados de differentes, e excellentes Authores. Nova Edição, em 8.<sup>o</sup> 1818. br. 300
- Laura, e Inesilla, ou as Orfãs Hespanholas. Historia de Mr. Desfontaines, traduzida em Portuguez. Nova Edição, em 8.<sup>o</sup> 1818. br. 240
- Arte de Conhecer os Homens, escrita em Francez pelo Abbade de Bellegarde, e traduzida em Portuguez. Nova Edição, em 8.<sup>o</sup> dous Vol. 1818. br. 480
- Compendio de Arithmetica, para uso das Primeiras Escolas, composto por \*\*\* Nova Edição, em 8.<sup>o</sup> 1818. br. 240
- Methodo Grammatical, resumido da Lingua Portugueza, Composto por João Joaquim Casimiro, Professor de Grammatica. Nova Edição, em 8.<sup>o</sup> 1818. br. 240

- As Mulheres Célebres da Revolução Fran-  
ceza, ou o Quadro Energico das Almas  
Sensíveis, em 8.º dous Vol. 1818. br. 360
- Fabulas Literarias de D. Thomaz Yriarte,  
traduzidas do Castelhana em Portuguez.  
Nova Edição, em 8.º 1818. br. 200
- Contos Filosoficos para Instrucção, e Recreio  
da Mocidade Portugueza, por Francisco  
Luiz Leal, Professor Regio de Filosofia,  
em 8.º dous Vol. 1818. br. 300
- Julia, Historia Instructiva, em 8.º 1817.  
br. 100
- Breve Tratado do Jogo do Whist, que con-  
tém as leis do Jogo, e algumas regras, pe-  
las quaes se póde conseguir o joga-lo bem,  
addicionado com duas computações: hu-  
ma sobre as apostas em qualquer ponto do  
Jogo; e outra para dar a conhecer ao par-  
ceiro huma, e mais cartas. Traduzido da  
Lingua Ingleza, sobre a oitava Edição de  
Londres, na Portugueza. Segunda Edição,  
em 8.º 1818. br. 240
- Elvira, Historia Instructiva, e Moral, em  
8.º 1817. br. 30
- Vicla de Lereno: Collecção das suas Canti-  
gas, offerecidas aos seus Amigos, outo Fo-  
lhetos em 8.º 1819. br. 480
- O Perigo de Contrafazer as Vocações. Anec-  
dota traduzida do Francez, em 8.º 1819.  
br. 60

**Apologia das Mulheres**, obra moral, em que se mostra com exemplos extrahidos da Historia tanto antiga como moderna, que ellas são susceptiveis de virtudes Religiosas, Politicas, Guerreiras, Literarias, e Sociaes no gráo mais eminente, e que conformando-se ao espirito predominante dos Seculos, conseguirão, naõ poucas vezes, a gloria de dominarem nelles, por M. Thomaz. Traduzida do Francez, em 8.<sup>o</sup> 1818. br. 320

**Prazeres da Imaginação, ou Quadro Recreativo, e Scientifico**: Tudo extrahido de diversos Authores tanto antigos como modernos. Obra que contém: = Anecdotas = Factos singulares, e caracteristicos = *Historietas* = Lembranças felizes = Repentes Engenhosos = Moralidades = Usos, e Costumes de Póvos = Sentenças = Antiguidades = Modelos de Eloquencia = Curiosidades Scientificas = Contos para rir = Proezas Militares = Origem de muitos Inven-  
tos, &c. &c. 4 Vol. em 8.<sup>o</sup> 1818 br, 1200





